

ENSINO EM PSICOLOGIA: RELATO DE UMA CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO NO ENSINO SUPERIOR

Márcia Duarte Medeiros¹

Rayssa Araújo Hitzschky²

Elaine Marinho Bastos³

Andrea Maria Ramalho Castro e Silva⁴

Liliane Maria Ramalho de Castro Siqueira⁵

Juliana Silva Arruda⁶

RESUMO

O contexto educacional, apesar de ter sido pioneiro na aplicação da psicologia, carece de uma psicologia escolar robusta e engajada, resultando em práticas de ensino desconectadas da realidade dos alunos e desmotivadoras. A extensão curricular propõe um diálogo que pode promover a emergência de um sujeito social ativo e entrelaçado à cultura, proporcionando um espaço para a criatividade. Este resumo aborda a curricularização da extensão no ensino superior, com foco na realização de oficinas e intervenções em uma escola pública de Fortaleza por alunos do sétimo semestre do curso de Psicologia e duas professoras. Refletindo sobre a história da psicologia brasileira e sua relação com a psicologia educacional, destaca-se a necessidade de repensar as práticas de ensino para uma abordagem mais conectada com a realidade dos alunos. O contexto da ação de extensão foi na disciplina de Psicologia Educacional e Escolar, utilizando a metodologia da pesquisa-ação para promover intervenções práticas. As oficinas abordaram temas como sexualidade na adolescência, identidade de gênero, saúde mental e relação não violenta, visando estimular a reflexão crítica. Além disso, foram elaborados materiais informativos para a comunidade escolar. Os resultados indicam que o diálogo estabelecido com a comunidade escolar, aliado às intervenções práticas dos alunos de psicologia, contribui para ampliar as competências dos estudantes e promover uma psicologia escolar mais engajada e eficaz. As intervenções também ofereceram reflexões sobre a relação entre expressão do corpo, arte e saúde mental na escola, favorecendo a autorresponsabilidade dos jovens em relação ao seu bem-estar psicológico. A interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social, expressa pela curricularização da extensão.

Palavras-chave: Curricularização da Extensão, Psicologia Educacional, Intervenções em Grupo, Escola Pública.

¹ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Feral do Ceará. Professora do Centro Universitário Universitário- Unichristus, marcia@virtual.ufc.br

² Doutoranda e Mestra em Educação, Pedagogia. Professora do Curso de Psicologia do Centro Universitário Christus- UNICHRISTUS, hitzschkyrayssa@gmail.com;

³ Mestra em Administração, Psicóloga, Especialista em Saúde Mental e Neuro psicodiagnóstico, professora do Centro Universitário Christus- UNICHRISTUS, elaine.marinho@unichristus.edu.br

⁴ Doutora em Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Medicamentos pela Universidade Federal do Ceará- UFC. Professora da Unichristus andrea.ramalho@unichristus.edu.br

⁵ Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora da UFC, ramalhooliliane@yahoo.com.br;

⁶ Professora orientadora: Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Feral do Ceará. Coordenadora e Professora do curso de Psicologia no Centro Universitário Universitário- Unichristus, julianarruda24@gmail.com

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, pesquisadores destacam que existiam formas de saber psicológico no Brasil antes da institucionalização da psicologia científica no país. Os estudos de Ferreira e Patto (2018) sublinham que a psicologia foi amplamente influenciada pela educação, destacando a psicologia educacional como uma das áreas iniciais de aplicação prática. Ao longo do século XIX e início do XX, a psicologia foi convocada pela educação para lidar com questões emergentes, especialmente no contexto das transformações socioeducacionais da época.

Nesse sentido, o campo educacional foi pioneiro na introdução da psicologia no Brasil, embora tenha se desenvolvido de forma fragmentada e com desafios ao longo de sua história (Bock, 2016). Em muitas ocasiões, a prática pedagógica não levou em consideração as realidades cotidianas dos alunos, resultando em uma educação desconectada das experiências pessoais e sociais dos estudantes. Ausubel (2006) reforça que, para que a aprendizagem seja significativa, é essencial que os conteúdos sejam contextualizados, envolvendo uma interação ativa entre alunos e professores.

Partindo dessa visão, foi criada uma ação de extensão, em colaboração com alunos da disciplina de Psicologia Educacional e Escolar e de Teorias e Técnicas de Intervenção em Grupo, em uma escola pública de Fortaleza. O objetivo principal é mapear e propor soluções para questões psicoeducativas identificadas no ambiente escolar, envolvendo toda a comunidade escolar nesse processo colaborativo de construção de soluções (Lima *et. al*). Assim, tal iniciativa busca aplicar a psicologia em contextos educacionais reais, conforme preconizado por autores como Gergen (2015), que defendem a psicologia voltada para problemas concretos da realidade social.

A escola, como espaço de produção de subjetividades, é onde saberes e práticas cotidianas se entrelaçam, revelando as dinâmicas sociais e culturais que influenciam o processo de formação dos jovens (Silva, 2019). Este estudo visa investigar as dinâmicas de espaço e tempo dentro da escola e como essas interações contribuem para a construção de identidades e significados na formação dos alunos.

Esses processos formativos são influenciados não só pelas interações interpessoais, mas também pelo contexto histórico-cultural em que estão inseridos. Delory-Momberger (2016) destaca que a formação de sujeitos é fortemente influenciada

por suas narrativas e pelas experiências biográficas, especialmente em contextos educativos, onde o corpo e suas práticas sociais e culturais são fundamentais.

Além disso, a interação dialógica entre a academia e a sociedade, conforme preconizado pela Resolução Nº 7 de 2018, fortalece o papel da extensão universitária ao integrar conhecimentos teóricos e práticos, possibilitando aos estudantes experiências mais dinâmicas e colaborativas (Santos, 2021). Essas interações promovem a construção de novas subjetividades e conhecimentos, refletindo o papel transformador da educação e sua capacidade de fomentar a cidadania crítica.

Nesse contexto, é fundamental que a escola seja analisada como uma rede de significados, considerando as complexidades contemporâneas, as interações sociais e as práticas espaciais e temporais que influenciam o ambiente escolar. Como enfatiza Barbosa (2020), a escola é tanto uma instituição que carrega tradições e valores estabelecidos, quanto um espaço de transformação e resistência, onde novas práticas e relações de poder são continuamente negociadas.

A partir dess cenários, tem-se como questão de pesquisa: A pesquisa busca responder à seguinte questão: De que maneira a psicologia educacional pode contribuir para a resolução de problemas psicoeducativos em escolas públicas, promovendo uma educação mais significativa e contextualizada para os alunos?

Para tentar buscar uma resposta, tem-se como objetivo geral analisar a aplicação prática da psicologia educacional em uma escola pública de Fortaleza, a partir de intervenções psicoeducativas eficazes na solução de problemas cotidianos vivenciados pela comunidade escolar.

Como objetivos específicos tem-se: 1-) Mapear os principais desafios psicoeducativos presentes no contexto escolar investigado; 2-) Promover uma maior interação entre alunos e conteúdos pedagógicos.

A justificativa para a realização desta pesquisa reside na necessidade de repensar as práticas pedagógicas e psicoeducativas no contexto escolar. Estudos como os de Silva (2019) mostram que a escola é um espaço onde se produzem subjetividades e que as interações entre os atores escolares (alunos, professores, gestores) moldam os processos de formação dos jovens. No entanto, a prática educacional ainda enfrenta dificuldades em se conectar com as realidades vivenciadas pelos alunos, o que gera desmotivação e impede uma aprendizagem mais significativa. Assim, este estudo busca contribuir para a construção de uma educação mais crítica, transformadora e conectada às experiências dos

estudantes, conforme preconizado por autores como Delory-Momberger (2016) e Santos (2021).

A interação entre a academia e a sociedade, promovida pela curricularização da extensão (Resolução nº 7, 2018), também fortalece a relevância desta pesquisa. Acredita-se que a intervenção em escolas públicas, por meio da participação ativa de alunos e professores, contribua para a construção de novos saberes, promovendo uma educação voltada para a realidade concreta dos sujeitos envolvidos.

METODOLOGIA

A abordagem metodológica escolhida para este estudo baseia-se na pesquisa-ação, conforme discutido por Thiollent (2011), uma vez que essa metodologia oferece uma via participativa e colaborativa, onde os participantes não apenas refletem sobre seus desafios, mas também desenvolvem ações concretas para solucionar os problemas enfrentados. Diferente das metodologias convencionais, a pesquisa-ação busca diretamente a transformação do contexto por meio de intervenções práticas e coletivas, incentivando uma participação ativa dos envolvidos (THIOLLENT, 2011).

No estágio inicial da pesquisa, foi realizada uma fase exploratória, cujo objetivo era compreender o ambiente escolar, identificar os interessados e suas expectativas, além de fazer um diagnóstico preliminar das principais questões e desafios. Durante essa etapa, foram realizadas visitas à escola, primeiro com a participação de alguns professores, e, posteriormente, incluindo grupos de estudantes. Nessa fase, foram ouvidas as demandas da gestão escolar, que indicaram como temas prioritários a serem trabalhados com os jovens: sexualidade na adolescência, com foco em gravidez precoce e infecções sexualmente transmissíveis (IST); identidade de gênero e orientação sexual; saúde mental, abordando automutilação, depressão, ansiedade e ideação suicida; além da promoção de relações não violentas dentro e fora do ambiente escolar, como bullying e cyberbullying.

Com base nas necessidades apontadas, foi elaborado um plano de intervenção que inclui a realização de oficinas temáticas. Estas oficinas têm o objetivo de proporcionar um espaço de diálogo e reflexão sobre os temas levantados, possibilitando que os estudantes se envolvam de maneira prática e vivencial na resolução dos conflitos mencionados. Para isso, um formulário eletrônico foi divulgado nas redes sociais da escola, permitindo a inscrição voluntária dos alunos interessados em participar.

De acordo com Afonso (2018), uma oficina é uma metodologia de trabalho coletivo, onde os participantes, em um contexto social, discutem uma questão central por meio de reflexões que envolvem aspectos cognitivos, emocionais e comportamentais. Assim, ao utilizar as oficinas como estratégia de intervenção, os alunos do curso de Psicologia poderão desenvolver competências práticas para mapear os processos psicoemocionais dos estudantes da escola pública, promovendo, de maneira colaborativa, uma reflexão crítica sobre saúde mental e questões psicossociais.

Adicionalmente, serão criados materiais informativos que serão distribuídos à comunidade escolar, oferecendo orientações sobre os temas abordados nas oficinas e direcionando a comunidade para possíveis encaminhamentos e soluções.

REFERENCIAL TEÓRICO

A interface entre psicologia escolar e educacional com a realidade cotidiana dos estudantes e da comunidade escolar, destaca-se, neste estudo, como a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento da aprendizagem e da saúde mental. A base conceitual para essa análise inclui autores que discutem o papel da psicologia no contexto educacional e o impacto das práticas interventivas no ambiente escolar.

Em primeiro lugar, a Teoria Histórico-Cultural, proposta por autores como Vygotsky (1994) e Luria (1979), é central para entender como as interações sociais e o uso de ferramentas culturais influenciam o desenvolvimento humano. Essa abordagem compreende que o processo de aprendizagem e formação dos sujeitos está profundamente enraizado no contexto social e cultural em que estão inseridos.

As atividades escolares são vistas como mediadas por artefatos culturais e sociais, que, no caso das intervenções psicopedagógicas, incluem o diálogo, a arte e a expressão corporal como ferramentas essenciais para a construção de significados.

Outro aspecto relevante é a utilização da pesquisa-ação, conforme proposto por Thiollent (2011), como método para vincular teoria e prática, envolvendo tanto os pesquisadores quanto os participantes do estudo no processo de transformação do ambiente escolar. A pesquisa-ação permite que as intervenções nas escolas sejam construídas de forma colaborativa, levando em consideração as demandas emergentes da comunidade escolar e promovendo soluções práticas para os problemas identificados.

Além disso, Ausubel (2006) contribui para o debate ao destacar a importância de uma aprendizagem significativa, onde o conhecimento é construído de maneira contextualizada e integrada às vivências dos alunos. Esse autor reforça que, quando os conteúdos escolares são trabalhados de forma conectada à realidade dos estudantes, a motivação e o engajamento aumentam, promovendo uma aprendizagem mais profunda e eficaz.

No campo da psicologia escolar, autores como Patto (2015) e Gergen (2015) defendem que a psicologia deve ser aplicada em contextos reais e cotidianos, aproximando-se das questões concretas vivenciadas pelos estudantes. Essas intervenções não apenas oferecem suporte emocional e psicológico, mas também promovem o desenvolvimento de habilidades sociais, como empatia, autorresponsabilidade e resolução de conflitos.

Por fim, a contribuição de Delory-Momberger (2016) é fundamental ao enfatizar a importância da biografização e das experiências de vida no processo de formação dos sujeitos. Para essa autora, as práticas educativas devem ser compreendidas como espaços onde os estudantes constroem suas próprias narrativas, influenciadas pelas dinâmicas de espaço e tempo que vivenciam na escola. Essas dinâmicas são essenciais para a formação das subjetividades e para a criação de um ambiente escolar que valorize a diversidade de experiências e expressões.

Com base nesse aporte teórico, compreende-se que as abordagens críticas e socioculturais da psicologia e da educação devem envolver práticas pedagógicas contextualizadas, colaborativas e transformadoras, com foco na promoção da saúde mental e no desenvolvimento integral dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares desta pesquisa sugerem que as intervenções desenvolvidas na escola, sob a metodologia de pesquisa-ação, mostraram-se eficazes tanto para os estudantes envolvidos quanto para a comunidade escolar como um todo. A partir da escuta ativa dos alunos, professores e gestores, foi possível identificar temas prioritários e urgentes, como saúde mental, identidade de gênero, sexualidade e relações interpessoais, especialmente em contextos de *bullying* e violência escolar. As oficinas, planejadas com base nas necessidades levantadas, promoveram um espaço de diálogo

significativo, proporcionando aos estudantes uma oportunidade de se expressar e refletir sobre questões essenciais para seu desenvolvimento pessoal e social.

Essas oficinas, que envolveram debates, dinâmicas e atividades práticas, demonstraram o potencial transformador da intervenção psicopedagógica quando esta se baseia em metodologias participativas. Os alunos relataram sentir-se mais confortáveis para abordar temas complexos, como saúde mental e questões de identidade, em um ambiente seguro e acolhedor.

A Teoria Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky, evidenciou-se como uma base sólida para compreender o desenvolvimento dessas interações. Ao mediar as oficinas com o uso de artefatos culturais — como a arte, a expressão corporal e o diálogo —, as intervenções criaram um espaço no qual os alunos puderam construir e ressignificar suas experiências. Isso está em consonância com o que defende Delory-Momberger (2016), que vê a biografização e a reflexão sobre a própria história como fundamentais para o desenvolvimento do sujeito.

Além disso, a pesquisa mostrou que a aprendizagem significativa defendida por Ausubel (2006) foi alcançada ao integrar o conhecimento teórico à prática cotidiana dos alunos. Os conteúdos trabalhados nas oficinas ganharam relevância à medida que os estudantes podiam conectá-los diretamente às suas experiências pessoais, promovendo uma compreensão mais profunda e aplicada das questões abordadas.

No que tange à saúde mental, um dos focos das oficinas, houve relatos de estudantes que afirmaram compreender melhor as dinâmicas emocionais que vivenciam, o que contribuiu para uma maior autorresponsabilidade e cuidado com seu bem-estar. As atividades relacionadas à expressão artística e corporal mostraram-se particularmente eficazes na promoção de um espaço de autorreflexão e de construção de novas formas de lidar com os desafios emocionais.

As discussões também apontaram que a pesquisa-ação permitiu que a escola não apenas recebesse intervenções pontuais, mas que se tornasse parte ativa no processo de mudança. Os professores relataram sentir-se mais preparados para lidar com questões psicoeducativas no cotidiano escolar, promovendo um ambiente mais acolhedor e reflexivo para os estudantes. Esse resultado vai ao encontro do que preconiza Thiollent (2011), ao defender a pesquisa-ação como uma metodologia que promove mudanças práticas e eficazes a partir da participação ativa de todos os envolvidos no processo.

Os resultados reforçam a relevância de se manter um diálogo constante entre a academia e a comunidade escolar, conforme discutido por Santos (2021), promovendo uma integração entre teoria e prática. A curricularização da extensão mostrou-se uma ferramenta poderosa para dinamizar essa relação, proporcionando aos estudantes de psicologia a oportunidade de aplicar seus conhecimentos teóricos em situações reais e complexas, ao mesmo tempo em que contribuem para a transformação do ambiente escolar.

Nesse contexto, as intervenções realizadas com base na pesquisa-ação proporcionaram um impacto positivo tanto no desenvolvimento psicoemocional dos alunos quanto na melhoria do clima escolar, além de fornecerem uma importante formação prática para os alunos de psicologia envolvidos no projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto ainda esteja em seus estágios iniciais, já se percebeu o impacto positivo do diálogo vivencial entre os estudantes de psicologia e a comunidade escolar. Essa interação prática não apenas aprimora as habilidades dos alunos no manejo de grupos, mas também amplia sua capacidade de análise crítica e facilita a apropriação da prática da psicologia escolar dentro de um contexto real e dinâmico.

Para a comunidade escolar, essa extensão curricular oferece um espaço de interação mais profundo e significativo, possibilitando o surgimento de sujeitos sociais mais conscientes e integrados ao ambiente cultural. Tal envolvimento promove um cenário fértil para a criatividade, a imaginação e novas maneiras de "ser" no espaço escolar, ao proporcionar um ambiente onde os alunos podem expressar-se de maneira plena e participativa.

Através das intervenções propostas, será possível compreender como as expressões corporais, artísticas e afetivas dos jovens, no contexto escolar, ajudam a construir significados e a fomentar narrativas pessoais. Esse processo pode contribuir para que os estudantes desenvolvam uma maior responsabilidade em relação à sua própria saúde mental, especialmente em espaços que incentivam a livre expressão juvenil e a resistência a estruturas limitadoras. Dessa forma, a articulação entre afetividade e cognição no ambiente escolar torna-se um elemento central para transformar a escola em um espaço mais acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos alunos.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L. M. Oficinas em dinâmicas de grupo: um método de intervenção psicossocial. 3.ed. - Belo Horizonte: Artesã Editora, 2018.
- AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2006.
- BARBOSA, R. Escola e os processos instituintes. São Paulo: Cortez, 2020.
- BOCK, A. M. B. A Psicologia no Brasil: Interação entre ciência e profissão. São Paulo: Cortez, 2016.
- DELORY-MOMBERGER, C. História de vida e projeto: da experiência à biografização. São Paulo: Paulus, 2016.
- FERREIRA, M. C.; PATTO, M. H. S. História da Psicologia Educacional no Brasil: Origens e Transformações. In: Patto, M. H. S. (Org.). Psicologia e Educação: Uma Interseção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2018.
- GERGEN, K. J. Realidades e relações: Uma nova visão para a Psicologia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015.
- LIMA, Aluísio Ferreira de; GERMANO, Idilva Maria Pires; SABÓIA, Iratan Bezerra de; FREIRE, José Célio (Org.). Sujeito e subjetividades contemporâneas: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da UFC. Fortaleza: Edições UFC/Imprensa Universitária, 2018. 524 p. ISBN 978-85-7282-732-4.
- PATTO, M. H. S. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. 6. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.
- RESOLUÇÃO Nº 7, DE 18 DE DEZEMBRO DE 2018. Diretrizes para a curricularização da extensão nas Instituições de Ensino Superior. Ministério da Educação. Brasília, 2018.
- SANTOS, B. A universidade no século XXI: para além do pensamento abissal. Coimbra: Almedina, 2021.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.